



p. 6 e 7

SEMANA MISSIONÁRIA EM ALMODÔVAR

Nem o calor do mês de agosto foi capaz de amedrontar os membros do grupo *Diálogos Leigos SVD para a Missão* a viverem alguns dias em Almodôvar, Baixo Alentejo, junto das pessoas mais isoladas. O início aconteceu a 18 de agosto e o último dia foi a 26 do mesmo mês.

A colaboração da comunidade local foi importantíssima para que esta *semana missionária* fosse possível. Trata-se de um projeto que procura estar em sintonia com os desafios lançados pelo Papa Francisco de uma Igreja em saída. Foi nesta atitude que os encontros foram surgindo. Isolamento, histórias de vidas, mãos que falam, rostos que marcam... é no outro que nos encontramos!

p. 2

OS PROFETAS JÁ NÃO MORAM AQUI

Por onde andam os profetas?! Necessitamos deles como do pão para a boca. Precisamos de homens e mulheres que nos ajudem a descobrir novos caminhos de fraternidade e paz, de justiça e liberdade.

p. 3

ENTRE DEBILIDADES E ESPERANÇAS

A marca do cristão é a missão. Por isso, uma Igreja que não tivesse em conta a necessária reflexão sobre o assunto, estaria necessariamente desorientada. Ela nasce da Missão e para a Missão. É neste contexto que se situam as Jornadas Missionárias.

p. 5

REFUGIADO CLIMÁTICO

Refugiado climático é uma expressão usada hoje nos mais variados meios de comunicação social, mas ela não encontra ainda uma definição legal.

Enquanto tal não acontece, milhões de pessoas ficam à mercê das decisões dos Estados onde buscam proteção.

p. 12

IRMÃOS EM MISSÃO

Trata-se de uma experiência bem interessante que os missionários do Verbo Divino e os missionários do Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras têm protagonizado nos últimos anos, em Lisboa.

PENSAMENTO

S. José Freinademetz

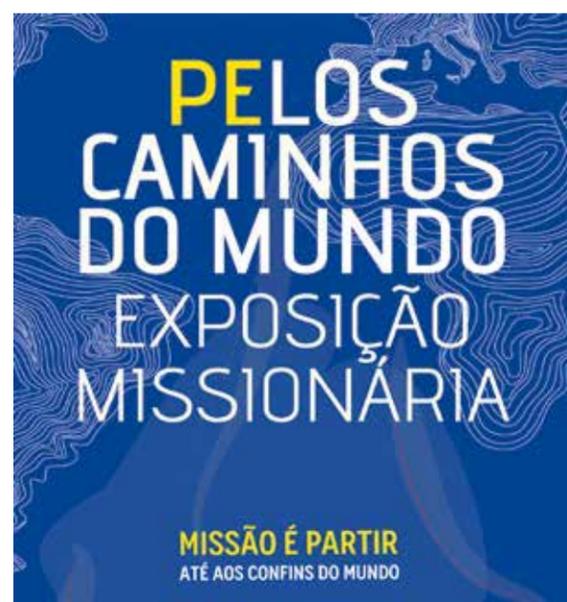
Devemos saber arriscar, porque quem está sempre a olhar para o tempo, esquece-se de semear.

p. 4 UM BISPO COMO DEUS MANDA

p. 8 DO PRÉ-SÍNODO AO SÍNODO DOS JOVENS

p. 9 ESTAR À BEIRA DO OUTRO

p. 10 SERES HUMANOS SUPÉRFLUOS



IGREJA E MISSÃO

ENTRE DEBILIDADES E ESPERANÇAS

JORNADAS MISSIONÁRIAS

fotos JOÃO FERNANDES

A Missão continua a ser hoje a marca do cristão. Foi neste sentido que as Jornadas Missionárias se apresentaram com espaços de reflexão, partilha, convívio e oração.

CONCLUSÕES E PROPOSTAS DE AÇÃO

Nos dias 15 e 16 de setembro de 2018 decorreram na Casa Verbo Divino, em Fátima, as Jornadas Missionárias Nacionais sob o lema *Eu sou Missão*. No âmbito da celebração do sínodo dos Bispos em Roma sobre os jovens, em outubro próximo, estas jornadas foram pensadas para que os jovens fossem os protagonistas deste evento. Dos 300 participantes cerca de 30% eram jovens que emprestaram um dinamismo novo ao evento.

D. Manuel Linda, Presidente da Comissão Episcopal de Missões, situou este encontro no contexto da celebração do outubro missionário extraordinário preconizado pelo Papa Francisco, e do ano missionário proposto pelo Episcopado português com início em outubro de 2018 até outubro de 2019.

O Dr. Juan Ambrósio, a partir do tema *Eu Sou Missão* apresentou a missão como o coração da identidade cristã.

Através dos Workshops e da mesa redonda, foi partilhado o compromisso com as múltiplas formas de mis-

são ao nível da experiência pessoal e de grupo.

A título de conclusão e para o melhor desempenho da Missão:

A Igreja deve ser descentrada e não autorreferencial, Igreja em saída em direção às periferias.

Para que o ano missionário se torne um tempo fecundo para a Igreja, é urgente criar em todas as dioceses os Centros Missionários Diocesanos e os Grupos Missionários Paroquiais.

Torna-se urgente que durante este ano missionário se promovam nas paróquias, arceparquias e dioceses experiências de saída para outras realidades, dentro ou fora das nossas fronteiras, como sinal de compromisso com o anúncio do Evangelho.

A ausência de representantes de algumas dioceses de Portugal neste encontro nacional é o sintoma de que a responsabilidade missionária das Igrejas locais é ainda uma debilidade pastoral. Que a celebração do ano missionário a todos desperte para a missão.



TESTEMUNHOS

SER CRISTÃO É SER MISSÃO

Foi fascinante ver tantos carismas e vocações diferentes, de todas as idades, mas com uma só e mesma inspiração: O sonho missionário de levar Deus a tudo e a todos!

Foram dois dias plenos em partilha, reflexão e descoberta de que Igreja pretendemos e do verdadeiro significado de Ser Missão: onde cada um é chamado a estar, de uma missão que nos chama a dar a vida pelo outro, a sair de nós mesmos para ir ao encontro das periferias geográficas e existenciais e fazer-nos um com outro em comunhão nas alegrias, nas fragilidades e na beleza de uma caminhada que se faz de passos pequenos, mas seguros, na certeza de que Ele está connosco e que com Ele tudo se reveste de outro sentido!

Deus convida-nos a “sair do sofá”, a amar por inteiro e aspirar a uma santidade “ao pé da porta”, uma santidade do aqui e do agora possível a todos! Uma santidade que se constrói no realizar das coisas ordinárias do nosso dia a dia de forma extraordinária!

Ser Cristão implica colocar todo o nosso coração, o nosso olhar e sorriso ao serviço e a embarcar nesta aventura divina de fazer da nossa vida uma missão e com ela transformar o mundo!

Carolina Coelho (Missão Mundo)

VOAR MAIS ALTO

As Jornadas Missionárias são um momento que nos deixa ter voz, ser a voz da Igreja! Cada um de nós é chamado por Jesus Cristo a ser Missão. Desde as pequenas missões do nosso dia a dia, até missões que nos levam para longe, são todas especiais e belas!

O destaque atribuído aos jovens, enquanto peregrinos e futuro da Igreja Missionária foi um dos pontos positivos destas jornadas. Torna-se cada vez mais difícil evangelizar junto dos mais novos e, é de facto urgente refletir sobre isto. O que está a falhar na nossa Igreja? Afinal qual é a nossa Missão?

O envio realizado durante a celebração inspira a voar mais alto, mas sempre sabendo que estamos todos ligados pela oração, pela ação missionária, pelo amor a Deus.

Gabriela Rodrigues (Voluntariado Espiritano)

O LADO MELHOR QUE HÁ EM NÓS

Tudo começou na manhã de sábado com cantoria e muita dança, para despertarmos o lado melhor que há em nós. É uma alegria ver tanta gente e tanta variedade de idades em comunhão!

À entrada foram distribuídos papéis com um número a todos os presentes. Depois, na altura do quebra gelo, foi pedido que cada pessoa se juntasse àqueles que tivessem o mesmo número. Grande algazarra e confusão!

Com o Dr. Juan Ambrósio e com os Workshops abordaram-se temáticas de grande importância para a Igreja nos dias de hoje. Após o jantar, seguiu-se um momento com um misto de emoções, diversão e reflexão com a banda “Missio”.

Na manhã seguinte debateu-se o tema “Que Igreja pretendemos?” A Eucaristia e o Envio de quem parte em missão marcaram o encerramento das Jornadas.

Humberto Ribeiro (Grupo Ondjoyetu)



• NO PAÍS DO PAPA •

UM BISPO COMO DEUS MANDA

LILIANA V. BARRIOS

Quantas vezes, os leigos nos perguntamos como se escolhe um bispo! A resposta poderia ser: enquanto o Povo de Deus reza, os “candidatos” deixam o seu futuro nas mãos de Deus. Assim foi com a escolha do padre Pedro Olmedo. Ele foi nomeado para a Prelatura de Humahuaca a 7 de julho de 1993, sendo ordenado bispo no dia 15 de setembro desse ano por São João Paulo II.

Tal acontecimento causou grande alegria para as gentes de Humahuaca. Ninguém duvidava que aquele homem trabalharia incansavelmente naquela região ao serviço do Reino de Deus.

Pedro, como gosta que lhe chamem, despertou logo a atenção das pessoas ao não querer escudo episcopal. Como pastor, escolheu um cajado feito de madeira de *queñua* (típica da região) para o acompanhar nas celebrações especiais. Conservou a simplicidade na sua maneira de ser e no seu estilo de vida. Montado a cavalo, nunca se negou a qualquer

tipo de esforços para chegar aos lugares mais afastados da Prelatura, levando a Boa Notícia a toda a gente. Dedicou particular atenção às crianças, de tal maneira que fossem instalados os Refeitórios para Crianças.

Com o seu trabalho pastoral na cidade fronteiriça de La Quiaca (Argentina / Bolívia), Pedro foi estabelecendo bases para muitas coisas. Certamente sem o poder imaginar, foi preparando o caminho para quem, desde muito jovem, foi sentindo o chamamento de Deus. Félix Paredes Cruz, nascido em Bolívia e naturalizado argentino, respondendo à voz de Deus, fez a sua formação teológica na Congregação dos Cônegos Regulares Lateranenses, sendo ordenado sacerdote.

No contexto da celebração dos 50 anos da Prelatura de Humahuaca, o Papa Francisco viria a nomear exatamente o padre Félix Cruz como bispo coadjutor da Prelatura. Foi em Susques, em plena monta-



nha, onde o padre Félix tinha sido enviado como pároco, que recebeu a notícia. Rodeado pelas baixas temperaturas (Susques está a cerca de 3.900 metros de altitude) e pela sua gente, o padre Félix abraçou a nova missão com o sim de entrega à vontade de Deus.

Félix aceitou continuar ao lado de Pedro Olmedo na mesma atitude de humildade. Enquanto tudo isto vai sucedendo na terra ancestral do povo *Colla*, as pessoas não se cansam de ir dizendo: *temos um bispo como Deus manda!* •

ABUNDÂNCIA

ASHWIN VAS



Estive em Portugal de outubro de 2003 a abril de 2005 a fazer a minha experiência transcultural. Estava destinado para Angola, mas, pelos desígnios de Deus, acabei por ficar em Portugal. Se não me engano, em 2004, nós os seminaristas da casa de Lisboa, fomos a Tortosendo para ajudar na colheita de maçãs e mudar um pouco de ambiente. Durante a colheita, aconteceu algo que ficou comigo para sempre. Sendo Indiano, nunca tinha visto maçãs numa macieira, nem tinha visto maçãs tão grandes e bonitas. Nas instruções da colheita, disseram-nos que não se podia pôr no cesto nenhuma maçã que caísse ou que estivesse minimamente ferida. Na primeira hora da colheita, o meu estômago ficou realmente cheio com maçãs que caíam, pois dava-me tanta pena deixá-las estragar. Depois, tive que me mentalizar que não estava na Índia, mas em Portugal.

Chegando a Angola, em 2010 fui enviado para Caungula, que era o meu primeiro destino missionário. Viviam-se numa casa de *pausa-a-pique* com muitas carências que me ajudaram a identificar os milagres de cada dia e a ser feliz naquele contexto. Depois, em Kakolo, também não foi muito diferente. Agora estou em Kifangondo. Aqui trata-se de um santuário, sendo economicamente muito mais estável. E surge a pergunta: Como reajo nos momentos de carência e abundância? Se não houver cuidado, existe sempre o perigo de que os desejos se tornem necessidades por causa da estabilidade económica e, conseqüentemente, pode desaparecer a vontade para abraçar sacrifícios face à abundância.

Quero pensar no mês das missões, como um mês de partilha, mas não só em termos materiais. É tão fácil esquecer os que têm menos ou os que não têm, quando nós estamos bem abastecidos, procurando até razões para justificar e perpetuar a abundância de uns e a carência de outros. Fala-se muito sobre a pobreza, mas pouco de partilha. Ao mesmo tempo, uma partilha verdadeira não se realiza com uma atitude de superioridade, pois toda a partilha, em certo sentido, é mútua. Mas a atitude de superioridade considera o outro incapaz de dar e assim fecha as portas a uma reciprocidade preciosa. Esta atitude resulta em trabalho sem aproximação, sem um ESTAR que provoca transformação. Hoje, tudo que eu sou, deve-se ao facto de ter partilhado o meu ser. Por isso, aqui fica o desafio: descobre o que tens em abundância para partilhares e faz-te parte desta missão. •

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões – 21 outubro –, o Papa Francisco apresenta-nos alguns desafios. Aqui ficam pequenos excertos:

“Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra.

Ser atraídos e ser enviados são os dois movimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente...

A transmissão da fé, coração da missão da Igreja, verifica-se através do «contágio» do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida. A propagação da fé por atração requer corações abertos, dilatados pelo amor...

O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças. Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato... E todavia, sem o dom que inclua as nossas vidas, poderemos ter miríades de contactos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. A missão até aos últimos confins da terra requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta terra...” •



ECOS DO TEMPO

REFUGIADO CLIMÁTICO: A RESOLUÇÃO QUE TARDA A SURTIR!

“Os refugiados ambientais não são um perigo, estão em perigo.”

Papa Francisco



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

Vemos, todos os dias, milhões de pessoas afetadas pelas alterações climáticas. Há países em seca extrema e países que estão a afundar-se. Orlas costeiras inundadas e regiões a transformarem-se em desertos. Água doce severamente contaminada pela água salgada. Há locais onde nada verde consegue brotar da terra. Há pessoas cuja subsistência está seriamente comprometida. Existem países que deixarão de existir. Há países onde quase ninguém conseguirá sobreviver.

A descrição pode parecer absurda, mas pouco há de ficção científica. Sabemos que mesmo depois de todos os avanços para travar as alterações climáticas, para alguns

locais o processo começou tarde demais. A *Organização das Nações Unidas* (ONU) estima que, em 2050, 250 milhões de pessoas serão severamente afetadas pelas alterações climáticas, o que poderá despoletar uma crise sem precedentes. Então, por que ainda não existe o conceito de refugiado climático?

A Convenção sobre o Estatuto de Refugiado de 1951, com a revisão do protocolo de 1967, apresenta

Há países onde quase ninguém conseguirá sobreviver.

um conceito muito específico de refugiado. O refugiado tem de ser uma pessoa perseguida por razões de raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, que está fora do seu país e não pode pedir a sua proteção. Hoje, qualquer pessoa que saia do seu país em busca de proteção internacional por causa das alterações climáticas não é entendida como um refugiado, mas

sim como um migrante económico. A ONU fala de mais de 20 milhões de pessoas que se encontram nesta situação, só na última década. Sem esse reconhecimento jurídico, as vítimas de deslocamentos forçados – resultantes de desastres naturais – não têm nenhum marco legal que as ampare. É um vazio jurídico que precisa de ser tratado. Interessante é que, embora o termo “refugiado climático” seja muito utilizado pelos *media*, a verdade é que não existe essa definição legal. O porquê é uma discussão significativa. Em 2008, a *Organização Internacional para as Migrações* (OIM) incluiu, na sua definição de migrante, o conceito de migrantes ambientais, falando de pessoas que têm de emigrar devido a pressões ambientais ou desastres naturais. Só que determinar quando é que uma pessoa necessita de proteção internacional não é fácil, o que leva a claras implicações políticas. Uma revisão do conceito de refugiado para abranger as pessoas afetadas pelas alterações climáticas obrigaria os Estados a aceitarem conceder uma proteção por tempo indeterminado,

como qualquer refugiado que veja o seu estatuto ser aceite hoje em dia.

A questão da definição não é uma questão menor. Enquanto a definição teima em chegar, milhões de pessoas ficarão à mercê das decisões dos Estados onde buscam proteção. Alguns decidirão enquadrá-las como imigrantes, outros darão algum tipo de proteção internacional, mas outros simplesmente rejeitarão o seu pedido e deportarão ao país de onde partiram. Isto se ele ainda existir como tal.

Infelizmente a migração climática em larga escala estará no futuro próximo, e ignorar o problema até se tornar catastrófico não é uma solução. Esperemos que a solução chegue a tempo. Para muitos, o ponto de não retorno já passou. •

APRENDER A ESTAR

JOSÉ ANTUNES

Às vezes gastamos demasiada energia construindo uma imagem idealizada de nós próprios. Na missão de Kintampo, no Gana, aprendi que o esforço colocado em pretender ser quem não somos é geralmente um desperdício de tempo. Ao chegar a uma aldeia, acompanhados pelo catequista, dirigíamo-nos à casa onde iríamos pernoitar. Uma vez dentro, era sempre o mesmo ritual: o anfitrião mandava trazer cadeiras e sentávamo-nos. Em seguida, alguém

de entre os presentes oferecia-nos um copo de água e depois todos nos cumprimentavam. Em muitas aldeias, a água era quase sempre tirada do rio e nem sempre tinha bom aspeto.

Certo dia, depois de uma dessas cerimónias de boas-vindas, um homem já com muitos cabelos brancos disse: «Padre, não precisa de beber a água. Leve somente o copo aos lábios e depois derrame alguma água para o chão em homenagem aos

Via dei Verbiti



antepassados. Não queremos que adoeça bebendo da nossa água». Fiquei sem saber o que fazer, pois não queria agir contra os costumes e a cultura daquele povo. No dia seguinte, perguntei ao catequista o que ele pensava daquele conselho. «É verdade, padre – comentou o catequista – faça como ele disse, pois nós compreendemos que o estômago dos estrangeiros não é tão forte como o nosso».

Sempre nos disseram que o missionário tem de respeitar os costumes e a cultura de um povo. E, na verdade, acredito que esse é o caminho para cultivar o diálogo e anunciar o Evangelho. Todavia, é importante reconhecer que não somos perfeitos; na maior parte das vezes somos fracos e ignorantes.

Nas aldeias de Kintampo aprendi que para respeitar a cultura de um povo não é preciso imitar literalmente tudo o que esse povo faz, mas respeitar as pessoas. Aprendi que não adianta fingir ser o que não somos, fazer-se forte quando somos fracos, imaginar que sabemos tudo quando somos ignorantes. Descobri que o melhor caminho para estar com os outros é sermos nós próprios, sem fingimentos, sem falsas atitudes. Também aprendi que o conselho dos outros, sobretudo daqueles que vivem aí e conhecem a realidade, é uma ajuda preciosa para saber estar e trabalhar num determinado lugar. •

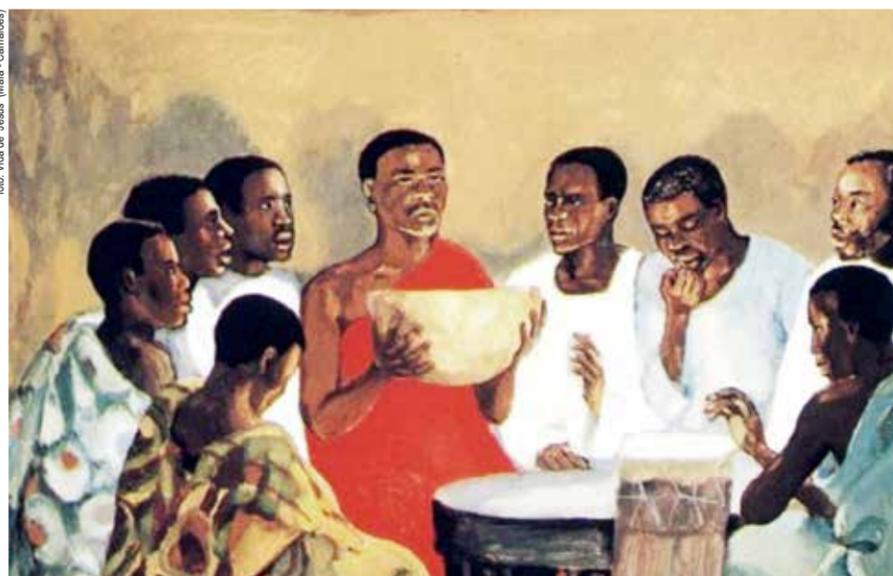


foto: Vida de Jesus (Matia - Camarões)

SEMANA MISSIONÁRIA: DE CORAÇÃO A

fotos: DAVIDE DUARTE

Tudo aconteceu em Almodôvar, de 18 a 26 de agosto de 2018. Um concelho situado no Baixo Alentejo, entre a Serra do Caldeirão e a dourada planície alentejana, marcando a transição entre o Alentejo e o Algarve.

É o terceiro ano consecutivo que o *Grupo Diálogos – Leigos SVD para a missão* caminha até Almodôvar, para mais uma Semana Missionária. Este grupo de voluntários aceitou o desafio de estar presente e abraçar diferentes carências: visitas aos idosos que vivem isolados nos montes, visitas aos doentes que vivem nas suas casas, visitas às comunidades que vivem em pequenas aldeias, visitas aos Lares de Idosos.

A tarefa adivinhava-se cansativa, mas todo o grupo foi

partilhando a beleza de cada encontro, a força que recebiam, encontrando assim a razão de ser da sua presença. Uma Semana Missionária que nos fez repensar a tremenda responsabilidade do nosso batismo!

Estes dias vividos em Almodôvar só foram possíveis graças à colaboração da comunidade que nos acolheu e ajudou, com amizade, generosidade e presença nas atividades. Esta Semana Missionária terminou, mas estamos certos que a Missão em Almodôvar vai continuar...

Não temos a utopia de querer mudar o mundo, mas sim de ir mudando o mundo de alguém! Eis o legado daqueles que se arriscaram.

Aldeias, montes e lares

Lurdes Monteiro afirmou que “a semana missionária é um projeto que sempre me tocou imenso, por isso voltei a participar. Foi das melhores coisas que fiz até hoje. Sensibilizou-me estar com as pessoas que vivem sozinhas, que nos receberam com um sorriso e partilharam o que tinham. Sinto que estas pessoas, com o pouco que têm, são mais felizes do que nós. Vou daqui muito mais forte para enfrentar dificuldades e desafios”.

Tiago Botelho salientou que “ir ao Encontro de Deus no rosto daqueles que sofrem, partindo sempre acompanhados daqueles que fazem da Missão um reduto de amizade e companheirismo. Acabamos sempre por encontrar o rosto misericordioso do Pai junto daqueles que esperavam por nós e nos acompanharam nesta jornada”.

Cristina Gonçalves apreciou o projeto, dizendo: “Foi muito gratificante, pois é fantástico saber que um pouco de mim faz muito nos outros. Tive a felicidade de ver os sorrisos dos idosos, tanto nas casas situadas nos montes como

nos lares. Sinto-me uma pessoa mais consciente e preocupada com o próximo. A visita às pessoas que vivem isoladas nos montes tocou-me profundamente!”

Augusto Ribeiro viu que “aquelas lindas paisagens estão em sintonia com a alegria das pessoas ao verem chegar os agentes da GNR (Guerreiro e Fátima, verdadeiros missionários). Ao escutá-los, sentimos as dificuldades e a solidão do seu dia a dia. Contudo, mesmo enfrentando essas dificuldades, ofereceram-nos do pouco que tinham. Nas visitas aos doentes, apercebi-me que se sentiam melhores ao conversarem connosco. Senti que Deus nos acompanhava e nos colocava na boca as palavras de alento para as consolar! Nos lares, apesar das suas limitações e muitas dificuldades, as pessoas vibraram ao recordarem os cânticos que fizeram parte da sua infância e mocidade. Num dos momentos de oração do grupo tivemos a alegria de escutar o testemunho da Dona Custodinha (senhora bastante doente) que dizia que se sentia tão bem connosco que já não precisava da medicação!”



Tempos de proximidade e de perguntas

Virgínia Pinto observou que “foi uma semana muito emotiva. A alegria e os sorrisos estampados nos rostos dos idosos, que não têm muitas oportunidades para falarem das suas experiências de vida, emocionaram-me muito. Senti-me muito próxima deles”.

Pedro Pinto manifestou a sua descoberta e atestou que “nesta semana missionária, aprendi a reconhecer a subtilidade da manifestação do amor de Deus por mim (e pelos outros), no contacto com as pessoas (que sem o “notar” pareciam saber mais sobre o que eu precisava do que eu próprio), nos acontecimentos que vivenciei e na meditação que doravante farei, sobre a maneira de Deus me amar, especialmente nas pequenas coisas que parecem sem

importância, de modo que não me esqueça da minha verdadeira e única fonte que me sacia”.

Fabian Cofie ponderou que “as visitas aos lares e casas, nos montes, ensinaram-me a partilhar a minha vida com os outros. De facto, quando partilhava a minha vida com os outros sentia-me mais enriquecido e realizado. Este projeto ajudou-me no meu crescimento pessoal, face às realidades que observei. Foram tempos de muitas perguntas... Recordo a frase de uma senhora, numa das visitas: “Onde há amor, há sempre perdão, mas onde não existe perdão nunca lá existe o amor”. Esta frase deixou-me a refletir ao longo de toda a semana...e ainda persiste!”

CORAÇÃO



Ternura, lágrimas e cantigas

Carina Silva estimou assim: “Ternura foi o sentimento que me preencheu o coração ao longo daquela semana. Uma experiência única, repleta de sorrisos de quem nos acolheu em suas casas, nos montes afastados de tudo e de todos, ou nos lares de idosos. Uma troca de palavras: «como está a saúde» ou «como vai a família», foi o quebra-gelo para se iniciar uns minutos de conversa. Passaram tão depressa... souberam a tão pouco. Gente de garra, de força, cheia de histórias para contar, mas, acima de tudo, gente de sorriso fácil que nos cativou visita após visita, dia após dia. Sorriso fácil de quem nos recebeu, mas também de quem nos «conduziu» (GNR) até junto daquelas pessoas!

Vimos sorrisos naqueles que nos abriram as portas das suas casas. Sentimos a alegria deles ao verem a casa cheia. Nós apenas levamos a vontade de escutar, de fazer companhia.

A realidade dos lares de idosos é

sempre algo que nos marca, que nos faz refletir! Como é possível, em tão poucos minutos de conversa, de cantigas...nos agradecerem, com lágrimas no rosto, a nossa presença, de nos pedirem para voltarmos, como se tivéssemos feito algo grandioso? Sem dúvida que recordarei aquele rosto cujas lágrimas caíam enquanto falávamos um pouco. Recordarei aquelas mãos que seguravam com firmeza as minhas, enquanto rezávamos, olhos nos olhos, a oração que Jesus nos ensinou. Recordarei aquelas pessoas que, em poucos minutos, me encheram o coração com os seus gestos, os seus olhares, as suas palavras.

Almodôvar, terra distante, terra de gente cujo tempo não corre. Almodôvar, terra de gente com tão bom coração, com tanta disponibilidade para dar o pouco que tem. Almodôvar, terra que não conhecia, mas que quero visitar novamente, pois o meu coração veio cheio de ternura e de amor”.

De coração cheio

Segundo o **Paulo Cardoso**, “foram 9 dias muito intensos. Nas visitas que fizemos, pudemos sentir a riqueza de quem tem o essencial: a harmonia com aquilo que a Natureza lhes dá e alguns bens materiais. A relação destas pessoas com a natureza passa muito pelos animais domésticos que cuidam e acarinhos: ovelhas, cabras, galinhas, patos, porcos... À primeira vista parece ser uma vida solitária, mas, depois de os escutar, dá para perceber que estas pessoas são uns resistentes. São pessoas livres, no meio da natureza. Quando alguém lhes perguntava se queriam ir para um lar, as respostas eram quase sempre contundentes: “Não, nem pensar! Só se me obrigarem...” Cada um de nós carrega a sua cruz, mas, quando a partilha acontece, o peso de cada uma das nossas cruzes parece diminuir. Obrigado, Senhor, por mais esta oportunidade de poder ajudar o meu próximo a carregar a sua cruz, nem que fosse somente por alguns dias, por terras alentejanas!”

Davide Duarte admitiu que “desde que o grupo Diálogos iniciou este projeto da “Semana Missio-

nária”, em Almodôvar, que sentia vontade de conhecer e entrar nas histórias contadas! Fui escutando histórias de quem visitou pessoas completamente isoladas. Essa escuta despertou em mim uma enorme curiosidade. Este ano pude ver, ouvir e sentir a força desses encontros que se tornaram especiais pela simplicidade e entrega de quem visita e de quem nos recebeu. Foram partilhas de histórias e conhecimentos da vida, mas também de medos e receios, devido ao isolamento em que vivem. Essas histórias fizeram-me esquecer o calor, o pó que os meus pés levantavam ao percorrer aqueles caminhos! Confesso que a visita aos doentes da pequena aldeia *Gomes Aires* foi a que mais me encheu o coração. Não tenho dúvida que foi nos rostos e gestos de quem sofre que Deus mais me falou! Não me é fácil entrar na casa de alguém, aproximar, falar normalmente, acariciar..., mas ali tudo me pareceu mais fácil. Recordo expressões serenas e alegres nos momentos em que rezámos juntos, sentindo que estávamos na presença bondosa de Deus. Isso marcou-me profundamente!”



PEREGRINAÇÃO À POLÓNIA

ISABEL VILAÇA



Um grupo de 28 peregrinos, maioritariamente da Paróquia de S. Pedro do Prior Velho, mas incluindo também pessoas de S. João da Talha, Amadora e Torres Vedras, deslocou-se numa peregrinação à Polónia para participarem na Eucaristia e festa

do 1º aniversário do Santuário dos Pastorinhos de Fátima em Szczecin. Iniciando a 4 de setembro em Cracóvia, e tendo feito um périplo que incluiu, a par de um percurso espiritual, uma forte componente cultural, terminou a 9 de setembro

com a participação nas celebrações do aniversário do primeiro Santuário dedicado aos pastorinhos de Fátima. As cidades visitadas foram Cracóvia (Santuários de S. João Paulo II e da Divina Misericórdia), Kalwaria Zebrzydowska (Santuário da Paixão de Cristo), Wadowice (cidade natal de S. João Paulo II), Czestochowa (Santuário da Virgem Negra), Poznan e Szczecin.

O grupo, que integrava dois sacerdotes da Congregação do Verbo Divino (padres André Fecko e Pradeep Kullu) participou em vários momentos espirituais, o primeiro dos quais, no Santuário da Divina Misericórdia, em Cracóvia. Ali teve a participação de Lucas, o menino salvo por intercessão de Francisco e Jacinta em 2013, e a sua família (sendo seus pais João Baptista e Lucília Yurie e sua irmã Eduarda).

Durante a Eucaristia no Santuário dos Pastorinhos de Fátima, a partilha do caso de Lucas e da experiência de fé da sua família foi um momento de grande emoção. A participação do grupo de peregrinos de Portugal foi calorosamente saudada pelos presentes. •



sub 10

sub 10

sub 10

O QUE QUERES SER QUANDO FORES GRANDE?

JOÃO MARIA VIANEY

Sou da Indonésia. Atualmente, encontro-me na comunidade do Verbo Divino, no Baixo Vouga, diocese de Aveiro.

Partilho convosco a minha reflexão, representada nesta minha pintura.

A figura de cor escura é um pintor, sentado debaixo de uma árvore, na beira do morro, no meio de uma bela paisagem, ao nascer do sol. Esta figura reflete o meu desejo de ser pintor, além de ser padre.

Quando era criança, gostava muito de desenhar no papel os objetos com caneta ou lápis: formar linhas, pontos e sombreados. Usava também a borracha que deixava sempre marcas de muitas aprendizagens: há sempre linhas a apagar e corrigir, pontos a eliminar e aperfeiçoar. Assim também na vida pastoral, há caminhos a endireitar, pontos a melhorar.

De modo autodidático, continuei a aprender, quanto estive no seminário menor. Naquela altura, aprendi a usar escova de pintura e várias massas coloridas na tela com combinações de vários estilos.

A presente pintura regista o meu percurso e a minha experiência pessoal. A maneira de sentar e de olhar para a tela representa a posição de meditar e aprofundar a importância da arte. Isto corresponde à minha etapa da vida no noviciado e seminário maior.



O rosto de outra figura é formado pelo corpo da primeira figura, como a parte da face. Os ramos da árvore formam a parte da cabeça e dos cabelos. As escadas são a parte das costas e o penhasco forma as mãos. Esta figura, com a luz do sol nas mãos, simboliza o gesto do sacerdote ao levantar a hóstia na Eucaristia. Isto representa a minha vida atual. Assim, as duas figuras colocadas em união mostram a ligação entre a minha vida sacerdotal e a minha consciência de pintor.

Tudo é graça de Deus.

A pergunta – *o que queres ser, quando fores grande* –, lançada pelos meus professores da escola primária, continua a ajudar-me a aprender cada vez mais. Somos sempre aprendizes. Creio que a minha pintura, enquanto arte, pode ser uma linguagem de viver a minha vocação e de estabelecer um diálogo com a vida pastoral. •

DO PRÉ- SÍNODO AO SÍNODO DOS JOVENS

RUI TEIXEIRA

Participante no pré-Sínodo dos Jovens
Publicação conjunta MissãoPress



Pela primeira vez na história da Igreja, o Papa, ao convocar uma assembleia do Sínodo dos Bispos, convocou um encontro prévio. Desta vez não com os padres sinodais, nem com especialistas amadurecidos, mas com os jovens, dado o tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional».

Do nosso país participaram três jovens, sendo uma a representante da Pastoral Juvenil em Portugal, e os outros dois representantes de movimentos eclesiais a nível mundial, a saber: o Secretariado Internacional das Equipas de Jovens de Nossa Senhora e a Conferência Internacional Católica do Escutismo, que tive a honra de representar.

Na abertura, 300 jovens encontraram-se frente a frente com o Papa. Pediu-se uma reflexão franca sobre as realidades e as questões que preocupam os jovens, e um diálogo “sem filtros” interpares e com a hierarquia. Dialogando e trabalhando em pequenos grupos de diferentes idiomas, podemos rever e responder uma a uma as 15 questões colocadas acerca da temática enunciada. Cada um representou o melhor que conseguiu a sua realidade diocesana e nacional

ou apresentou as práticas do carisma e do movimento que representa.

Tendo a honra de ser um dos participantes, aprendi muito sobre as realidades diversas que vão desde a América do Norte à Nigéria, do Iraque à Eslovénia. Os assuntos elencados foram vários, como a vivência dos jovens na sociedade de hoje, como veem a Igreja, o que esperam dela, como se relacionam com a tecnologia, o trabalho, as escolhas. Marcou-me em particular o espírito de sinodalidade vivido e rezado, e ficou o desejo de que se voltasse a repetir, não apenas a nível global, mas também local. Os jovens querem ser envolvidos nas decisões tomadas em Igreja e em sociedade. Para que estejam preparados, sentem necessidade de um digno e competente acompanhamento, através do qual possam ouvir e ser ouvidos nas suas dúvidas e encruzilhadas.

Coube-me a responsabilidade de falar do modo como o escutismo católico acompanha os jovens, como os educa de um modo não formal, na natureza, habituando-os a amarem-se e respeitarem-se uns aos outros. Fiquei feliz ao ver que o movimento escutista é bastante reconhecido e respeitado dentro das diversas realidades eclesiais.

Recomendo a todos a leitura do documento final desta reunião pré-sinodal que, para além de ser informativo, se viu refletido no *Instrumentum Laboris* que agora os bispos têm em mãos. Acompanhemos, com o nosso interesse e a oração, os passos que a Igreja dá em cada tempo. •

VOCAÇÃO E MISSÃO

BÍBLIA

AILTON LOPES

O APÓSTOLO PAULO E A PASTORAL DO DIÁLOGO¹

Na carta aos Colossenses (Cl 4,5-6) podemos ler: “Conduzí-vos com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem a oportunidade. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um”. Os Atos dos Apóstolos e as epístolas paulinas testemunham que o anúncio do Evangelho, desde os seus primórdios, dirigiu-se aos “de fora”. Mais tarde, contudo, a cristandade fechou-se ao diálogo, principalmente quando o racionalismo e o empirismo modernos viram nos postulados da religião uma afronta aos princípios da cientificidade positiva que se impunham naquele momento da história. De facto, a expressão “os de fora”, de Cl 4,5, caracteriza de modo apropriado o mundo moderno, pois

este configurou-se verdadeiramente como secular.

Sentindo-se questionada pelo modernismo, a Igreja voltou-se para as palavras da primeira epístola de Pedro: “Estai sempre preparados para dar resposta ante todo aquele que pedir razão da esperança que há em vós” (3,15). A Igreja compreendeu essas palavras como um indicativo para se defender daqueles que eram tidos como sendo inimigos da fé. No entanto, não é de apologética que trata esse versículo bíblico. Ao contrário, significa assumir uma postura lúcida de diálogo com o contexto no qual a comunidade cristã está inserida. O trecho dos Atos dos Apóstolo (At 10,1-35) assegura-nos que Pedro resistiu à evangelização dos gentios por causa dos seus preconceitos para com os de fora do judaísmo.

Mas, enquanto Pedro ainda hesitava, com receio de desrespeitar os preceitos relativos à pureza expressos na Lei mosaica, o Espírito Santo interveio, ordenando-lhe sair de casa e acompanhar os homens enviados pelo centurião romano (At 10,19-20). Hoje, também nós somos convidados a sairmos da nossa zona de conforto e irmos ao encontro dos novos areópagos digitais, buscadores de fé, e principalmente os pobres, grandes destinatários do Evangelho. •

¹ Inspirado por: <http://www.vidapastoral.com.br/ano/a-importancia-de-paulo-para-uma-pastoral-que-dialoga/>

ESTAR À BEIRA DO OUTRO

MÁRCIA AZEVEDO

Cada desafio traz em si um imperativo de decidir e agir. Há dois anos, fui passar férias com o meu pai, na Associação Portuguesa de Doentes Neuromusculares (APN), no Porto. Foi a minha primeira experiência nesta Associação. Estando ali, os funcionários incentivaram-me a fazer voluntariado, porque notaram em mim uma habilidade para o realizar. À partida, não lhes dei resposta, e, com a preocupação dos estudos, nunca pensei mais nesse assunto. Contudo, com o decorrer do tempo, a memória do desafio dos funcionários da APN ecoou nos meus ouvidos, eco este que me levou a pensar na minha capacidade de ajudar as pessoas com qualquer tipo de dificuldades. E, este ano, decidi corajosamente inscrever-me como voluntária numa das semanas de férias, na APN.

Arrisquei-me. Estive no projeto específico – *Vida In* –, de 5 a 10 de agosto de 2018. Este projeto tem um ritmo próprio. Proporciona semanas intercaladas entre os voluntários e as famílias, a saber: uma semana, os doentes vão com a família e na semana seguinte, vão os doentes acompanhados pelos voluntários. Neste voluntariado, tive como missão ajudar os utentes: levá-los à participação nas diversas atividades organizadas pela APN na Casa da



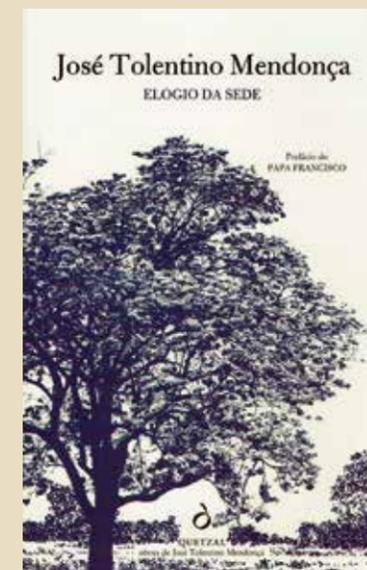
Sãozinha e do Manel, em Valadares, Vila Nova de Gaia.

Estes dias foram ocasião para uma grande aprendizagem e descoberta. Reconheci que conviver com o outro, sobretudo com aquele que tem dificuldades físicas, etc., exige, antes de mais, uma introspeção, um autoconhecimento. Descobri também que estabelecer a relação com o outro é fundamental, porque precisamos uns dos outros para aprender e vivenciar.

Tudo isso necessita do respeito: respeitar a história, a jornada e a procura de felicidade de cada um. A vida de cada um, a história de cada pessoa merece consideração. Só no estar à beira do outro é que entendemos quem somos! •

Contacto svd
RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



«Se quiseres construir um navio, não comeces por dizer aos operários para juntar madeira ou preparar ferramentas; não comeces por distribuir tarefas ou por organizar a atividade. Em vez disso, detém-te a acordar neles o desejo do mar distante e sem fim. Quando estiver viva esta sede meter-se-ão ao trabalho para construir o navio.»

(Antoine de Saint-Exupéry)

«Obrigado por este apelo a nos abirmos sem medo, sem rigidez, para sermos suaves no Espírito e não nos mumificarmos nas nossas estruturas que nos fecham.» (Papa Francisco)

O Elogio da Sede... como motor de procura, de transformação interior...

Quando sinais como a indiferença e a autossuficiência conspiram contra a busca;

Quando somos cisternas que não sustentam a água;

Quando há muita sede no coração humano;

Quando o homem tem sede de reencontros, de se ressignificar, de se comprometer;

Quando somos hóspedes... numa vida a acontecer;

Quando comprometer-se é arriscar;

Quando admitimos que estamos sedentos;

Quando partilhamos com os outros a nossa sede;

Quando nos recusamos ferir contra os limites;

Quando o homem tem sede de ser humano;

Quando colocamos a nossa sede em Deus! •



OPINIÃO

“LEI PRENDE UN CAFFÈ?”



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Aproxima-se o mês de outubro, que na Igreja Católica se celebra como o mês da Missão. Este ano já não o passarei em Roma. Acabo de receber a “carta de demissão” da função exercida neste *Collegio*. O meu sucessor está nomeado e entra ao serviço no 1º de setembro. Só posso desejar-lhe as mesmas alegrias que tive aqui em contacto com esta gente vinda de tantos países e culturas. Este passo na minha vida coincide com uma situação clínica grave, acabo de ser submetido em julho a uma intervenção cirúrgica delicada, e o meu futuro é um grande sinal de interrogação. Não estou nada preocupado, pois o Pai que cuida das aves do Céu não se esqueceu nunca de mim. Não vai esquecer-se agora, depois de me ter “aturado”, ou melhor, amado por mais de 74 anos.

Gostava de partilhar com o leitor os sentimentos positivos que me povoam a mente e o coração ao deixar o *Collegio San Pietro Apostolo*, onde exerci a função de Diretor Espiritual por 5 anos (2013-18). E o primeiro que me ocorre é agradecer a Deus esta possibilidade única de estar entre gentes tão diferentes e partilhar alegrias e dores com estes jovens sacerdotes chegados da África e da Ásia. Levo tantos deles nos olhos e no coração... Este é um belo trabalho missionário e agradeço aos Superiores terem-me chamado por

1 ano e terem-me oferecido 5 anos de serviço.

Acabo de receber nestes dias de julho a “carta demissionária”, assinada por um alto funcionário do Vaticano. Ao ler o texto tive que sorrir... sei que há um estilo curial, estas palavras não têm nada de pessoal, e quantos milhares de cartas terão já sido escritas nos mesmos termos. Mas, desculpem lá, isto é um estilo barroco, fora do tempo, próprio de uma “corte pontifícia”, que há muito foi abolida. Lembra os tempos da “*sedia gestatoria*”: o Papa carregado numa cadeira sobre os ombros dos “*sediar pontifici!*” Numa altura em

Do pessoal do Collegio com quem vivi e trabalhei nestes 5 anos, há 3 pessoas, que levo no coração e de quem me vou despedir com saudade.

que o Presidente Marcelo dá sorrisos e abraços a todo o mundo, deixa-se tocar e sensibilizar pela dor e pelas alegrias do povo, ele está a mostrar-nos um estilo novo de exercer a autoridade. A distância e a frieza não fazem bem a quem manda nem a quem é mandado. Olhem a Presidente da Croácia a abraçar os seus “rapazes” depois da Final de futebol de Moscovo! Já agora ainda uma coisa: no final desta carta, alguém se subscrive “*devotissimo da Vossa Paternidade*”. Toda a vida me chamaram Jorge... e não é um nome feio; aqui no *Collegio* irritava-me quando me chamavam “*Padre Espiritual*”... no hospital tive que dizer ao médico algumas vezes, que não sou “Monse-nhor!” Agora sou uma “Paternidade!” Mas eu não quero terminar assim. Do pessoal do *Collegio* com quem vivi e trabalhei nestes 5 anos, há 3 pessoas,

que levo no coração e de quem me vou despedir com saudade. O primeiro é o Bernardo: é o nosso jardineiro, filipino, emigrante na Itália, longe da família, mulher e 3 filhos, que se encontram nas Filipinas. Faz-lhes chegar cada mês mais de metade do salário, que é baixo. Criámos uma relação fraterna muito sólida e gosto de o encontrar cada manhã cuidando deste grande parque à volta do *Collegio*. Às vezes dou-lhe uma mão a cortar a erva no campo de futebol.

A outra pessoa é a Shaba: vive sozinha, veio da Etiópia trazida por umas religiosas, trabalha nas limpezas da casa. Ao princípio a nossa relação era distante, mas foi-se criando uma grande confiança entre nós. Sente-se maltratada, queixa-se muito e eu tento ouvi-la com paciência. Quando me encontra no corredor, grita – lá ao longe – “*P. Jorge, toma um café?*” Às vezes nem espera a minha resposta e apressa-se a correr para a máquina no bar, paga e tira o café. A Shaba não é uma santa, mas sente necessidade de alguém que a oiça. Vou ter saudades daquele grito: “*Lei prende un caffè?*” Quero ainda falar-vos da Imacolata (IMA, entre nós). É uma mulher muito limitada, está casada sem filhos. Estava na lavandaria quando a conheci e comecei a afeiçoar-me a ela. Quando não a via, perguntava às outras empregadas: “Onde está a minha amiga IMA? Não passo bem o dia sem a saudar...” Outras vezes, eu tornava-me mais atrevido e dizia-lhe na frente de toda a gente: “Ima, se não estivesses casada, se calhar ainda te levava ao altar.” Ela ria-se, ríamos todos e ela, com a maior naturalidade deste mundo, agarrava-se-me ao pescoço e dava-me duas beijocas bem sonoras. É verdade: vou ter saudades desta alma de criança num corpo de mulher! •

QUE É FEITO DE TI

JOSÉ ALBERTO
DE JESUS GONÇALVES



Natural da aldeia dos Trigais, concelho da Covilhã, onde nasci em 30 de abril de 1958, foi lá que passei a meninice e frequentei a Escola Primária.

Com dez anos de idade, fui convidado pelo Padre Lúcio para entrar no Seminário do Verbo Divino no Tortosendo, onde permaneci sete anos. Apesar de muito jovem, seguir o caminho do sacerdócio era o meu sonho, mas o amor por Maria de Lurdes falou mais alto. Foi com ela que casei em 1981 e tivemos dois filhos, o Herlander e o Renato, que nos deram três netos, o Martim, o Henrique e a Caetana.

E porque a vida não é um mar de rosas, lutar por um trabalho foi uma das prioridades, antes mesmo de criar esta família maravilhosa. Em 1975 comecei a trabalhar, como jardineiro na Câmara da Covilhã, mas seguiram-se outras experiências profissionais, nas áreas da construção civil. Ingressei no Serviço Militar em 1979, no Regimento de Infantaria de Castelo Branco, onde fui 1º Cabo Escriturário; foi uma das passagens com muitas histórias para contar, tendo recebido um “louvor” pelo desempenho das funções e comportamento militar.

E porque nunca baixei os braços, as oportunidades de emprego foram surgindo. No ano de 1992, comecei a desempenhar funções nos Serviços de Ação Social da Universidade da Beira Interior, na Covilhã, onde permaneço, como Assistente Técnico.

Nos fins de semana, gosto de me deslocar a Trigais, minha aldeia natal, onde procuro paz, rodeado do verde do campo e do som dos passarinhos. Nesta terra de eleição, encontro amigos de infância, e dedico-me às atividades agrícolas e à apicultura, à caça e ao associativismo. O carinho pelas pessoas de “TRIGAIS” tem um lugar muito especial no meu coração. Residindo na Covilhã, bem perto do Seminário de Tortosendo, a minha ligação manteve-se ao longo dos anos, sendo animador dos Encontros anuais de antigos alunos no último sábado de outubro. Convido todos a comparecer a 27 outubro. •

António Pinto (responsável por esta coluna)

SERES HUMANOS SUPÉRFLUOS



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

O título desta crónica ocorreu-me ao ler a obra de Hannah Arendt: *As origens do totalitarismo*. Uma obra repleta de intuições proféticas que nos ajudam a entender o passado e a interpretar a situação presente. Arendt, filósofa alemã de origem judaica que se radicou nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, diagnosticou os acontecimentos da sua época com visão quase profética. Anteviu vários aspetos das crises político-sociais que o mundo enfrenta hoje, nomeadamente a crise migratória causada pela grande massa de refugiados e deslocados. Ao longo da história sempre houve movimentos migratórios. O que é novo e sem precedente, declara Arendt, “não é a perda da pátria, mas a impossibilidade de encontrar uma nova pátria. Abruptamente, não havia lugar sobre a face da terra onde os migrantes pudessem ir sem passar pelas mais severas restrições, nenhum país onde seriam integrados, nenhum território onde pudessem encontrar

uma nova comunidade de que fizessem parte”. Esta foi a experiência sua e de milhões de refugiados judeus durante a guerra. Experiência que se repete na vida de multidões de seres humanos hoje. Fugindo de conflitos e condições de vida insustentáveis dos seus países, deparam-se com toda a espécie de insidiosas medidas regulatórias de países que lhes barram a entrada. Perante o crescente número de refugiados e deslocados, ela assinala que “milhões de seres humanos são permanentemente considerados supérfluos se continuamos a pensar no mundo em termos utilitários. Por toda a parte, acontecimentos políticos, sociais e económicos estão silenciosa-

Milhões de seres humanos são permanentemente considerados supérfluos se continuamos a pensar no mundo em termos utilitários.

mente conspirando com mecanismos totalitários concebidos para tornar as pessoas supérfluas”.

Assiste-se atualmente a níveis de deslocamento populacional nunca antes registado. Estima-se que há 68.5 milhões de pessoas que foram forçadas a abandonar os seus lares. Entre estas há 25.4 milhões de refugiados, dos quais mais da metade são menores de 18 anos. Em torno de 10 milhões são apátridas, aos quais são negados

nacionalidade e acesso a direitos básicos, tais como educação, saúde, emprego e liberdade de movimento.

O discurso alarmista com que, por vezes, é apresentado o movimento migratório e de refugiados para os países ocidentais, pode dar a impressão de fluxos assustadores de imigrantes ilegais, dos quais nos devemos defender. Quando, porém, os números são considerados num contexto mais vasto, sabe-se, por exemplo, que o milhão de refugiados que chegou à Europa em 2015 representa apenas 0.1 da população da EU. Só o Líbano recebeu 1.3 milhões de refugiados Sírios, o que equivale a 20% da população. Sabe-se também que 85 % dos milhões de pessoas deslocadas encontram-se nos países em vias de desenvolvimento.

O movimento migratório e de refugiados é consequência de injustiças estruturais que reinam no mundo de hoje, criadas pelos países ricos. As radicais desigualdades existentes não podem ser desligadas do passado colonial de domínio e exploração, escravatura e até genocídio perpetrado pelos países ocidentais. Escuta-se, por vezes, de pessoas destes países que eles não podem herdar os pecados dos seus antepassados. Essas pessoas parecem não se darem conta que estão a herdar os frutos desses pecados: a supremacia em poder e riqueza sobre o resto do mundo. •

ATUALIDADE

ENCONTRO DE ANTIGOS ALUNOS SVD

Cumprindo a tradição, no **último sábado de outubro, dia 27**, os caminhos de muitos beirões residentes e outros da zona de Lisboa, vão dar ao Seminário do Verbo Divino, no **Tortosendo**, para um dia de convívio. **Reserva a data na tua agenda!**

PROGRAMA

10h30 – Início da concentração no átrio da entrada
 11h00 – Ensaio de cânticos litúrgicos na Capela
 11h30 – Celebração eucarística
 12h45 – Foto de grupo nas escadas da Capela
 13h00 – Almoço e convívio
 14h30 – Matiné musical com artistas “prata da casa”
 17h00 – Magusto, lanche e continuação das cantorias
 19h00 – Despedida

Comissão Organizadora: Emílio Barroso, Ismael Reis, Joaquim Brázia, José Alberto Gonçalves “Trigais”, Leonel Francisco, José Carlos Proença Costa e André Gonçalves.

Voluntários: José Luciano Marcos, Virgílio Santos e Fernando Neves Batista.

Inscrições: Emílio Barroso 962 879 278 – milo.barroso@hotmail.com



INTENÇÕES DO PAPA

Outubro

Para que os consagrados e as consagradas despertem o seu fervor missionário e estejam presentes entre os pobres, os marginalizados e quantos não têm voz.

Novembro

Para que a linguagem do coração e do diálogo prevaleça sempre sobre a linguagem das armas.

EM AGENDA

5-7 outubro	VerbumJovem, Almodôvar
21 outubro	Dia Mundial das Missões
12 novembro	Assembleia da Província portuguesa SVD, Fátima
13-16 novembro	Assembleia dos Institutos Missionários Ad Gentes, Gouveia
19-20 novembro	Assembleia dos Institutos Religiosos, Fátima



Uma agenda feita a pensar em ti.
 Uma companhia alegre para todos os dias do ano.
Agenda Jovem - 2€

Uma companhia interessante...
 uma janela aberta para a Missão.
Calendário Missionário - 0,70€



Missionários do Verbo Divino - Ap. 2 - 2496-908 FÁTIMA - Tel: 249 534 116
 proc.missoes.fatima@verbodivino.pt - www.verbodivino.pt

Exposição aberta à diversidade de povos e culturas

“Pelos caminhos do mundo” é o título da exposição missionária, organizada pelos Institutos Missionários Ad Gentes. Inaugurada a 29 de setembro, na Escola Francisco de Holanda, em Guimarães, há de percorrer diferentes zonas do país. Às portas do Ano Missionário proposto pela Conferência Episcopal, esta exposição pretende ser motivadora de dinamismos novos na Igreja católica. A exposição que estará, em novembro, em Barcelos, integrará a figura de D. António Barroso, missionário em três continentes e antigo bispo do Porto, de quem celebramos este ano 100 anos do seu falecimento.

Retiro anual

Os Missionários do Verbo Divino tiveram o seu retiro anual, de 3 a 7 de setembro, em Fátima, sob a orientação do P. Adelino Ascenso, Superior-Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova.

Peregrinação a Steyl

Os nossos seminaristas em Lisboa, acompanhados pelo seu formador, peregrinaram a Steyl, casa-mãe dos Missionários do Verbo Divino, a 8 de setembro, dia em que a Congregação completou os 143 anos da sua fundação. Foi, certamente, um momento de fortalecimento espiritual para a sua caminhada vocacional.

Simpósio do Clero

Realizou-se em Fátima, entre os dias 3 e 6 de setembro, o Simpósio nacional do Clero, com o tema “O padre: ministro e testemunho da alegria do Evangelho”. Foram assinalados os 25 anos da realização desta iniciativa.

30 anos de presença SVD em Cuba

No dia 12 de junho de 1988 chegou a Cuba o P. Germán Rodríguez, primeiro missionário do Verbo Divino (SVD) que ali começou a atender uma paróquia. Atualmente, a Igreja de Cuba conta com 10 verbitas, prestando serviço a 9 paróquias e um centro bíblico. Em 2018 celebramos os 30 anos de presença da SVD naquela ilha.

Catecismo da Igreja católica e pena da morte

Foi publicada no dia 2 de agosto a decisão papal sobre a pena da morte com uma nova redação do Catecismo da Igreja Católica n.º 2267: “A pena de morte é inadmissível, porque atenta contra a inviolabilidade e dignidade da pessoa, e se compromete, com determinação, em prol da sua abolição no mundo inteiro”.

Coreia do Norte e do Sul unidas nos Jogos Asiáticos

Pela primeira vez na história dos Jogos Asiáticos, os atletas das duas Coreias, Norte e Sul, participaram sob uma única bandeira. Aconteceu na 18ª edição dos Jogos Asiáticos, em Jacarta e Palembang, duas cidades da Indonésia, de 18 de agosto a 2 de setembro.

MANEIRA DE COLABORAR COM A MISSÃO



Também você poderá ajudar os missionários, enviando pedidos de intenções de missas e trintários gregorianos. Desta maneira estará a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino
 Ap. 2 - 2496-908 Fátima
 ☎ 249 534 116
 @ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
 Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas**.

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____

Data nascimento: ____ / ____ / ____ ☎ _____

@ _____ (Assinatura 3€)

Missionários do Verbo Divino * Apartado 2 * 2496-908 FÁTIMA
 ☎ 249 534 116 * @ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt
 📄 PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Vidas que falam

IRMÃOS EM MISSÃO

texto KEVIN PIZARRAS
fotos CHARLIE BARDAJE

Já lá vão alguns aninhos desde que a Congregação do Verbo Divino (SVD) e o Instituto para as Missões Estrangeiras (PIME) se encontraram em Lisboa. É na comunidade verbita que ficam os membros do PIME que vêm aprender português para trabalharem depois na Guiné-Bissau. Ao longo destes anos, podemos falar da construção de uma fraternidade com base na missão. Este ano, foram acolhidos dois padres do PIME: Regan Gomes, do Bangladesh; e Naresh Gosala, da Índia. Vamos, então, ao encontro deles.

Que aprendeste da cultura portuguesa?

Regan: Quando vi a devoção dos portugueses a Santo António, passava pela minha mente o meu amado país que é o Bangladesh. Nós não celebramos conforme a cultura portuguesa, mas, quer sejamos cristãos, quer de outras religiões, todos vão participar nesta festa e pedem a graça de Deus por intercessão de Santo António.

Naresh: Devo dizer que fiquei impressionado com o acolhimento caloroso dos portugueses.

Qual é a tua palavra favorita em português? Porquê?

Regan: A palavra de que gosto é «adeus», que significa entregar alguém a Deus para que Ele o proteja.

Naresh: Gosto muito da palavra «obrigado», que é a palavra que se usa para agradecer aos outros.

Como ultrapassaste as dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa?

Regan: Para aprender uma língua é necessário ter muita paciência e viver em estudo constante. As dificuldades aparecem sempre na aprendizagem de uma língua. Aliás, muitas vezes passou-me pela cabeça que não conseguiria, mas nunca me abandonei à minha fraqueza; pelo contrário, cada vez mais fui tentando alcançar o meu alvo.

Naresh: Procuo sempre falar com os outros. Não há outra maneira para aprender uma língua. Temos que usá-la e praticá-la com as pessoas todos os dias.

Tiveste alguma experiência ou anedota memorável em Lisboa?

Regan: Das coisas mais interessantes foi sentir-me querido pelos

padres e seminaristas. Hoje, já estou na Guiné-Bissau, mas o meu coração também tem uma raiz na comunidade do Verbo Divino em Lisboa, pois esta teve um papel importante na realização da minha vocação missionária.

Naresh: Como cheguei a Portugal há pouco tempo, ainda não tenho muitas experiências. Entretanto, estou atento às realidades que enfrento todos os dias.

Quais são as alegrias e os desafios numa comunidade multicultural como a da Lisboa?

Regan: Uma comunidade é onde todos os componentes partilham a vida comunitária. Esta realidade tem uma forte presença numa comunidade multicultural. Por exemplo, quando estive no seminário do PIME em Monza, na Itália, éramos quase 50 seminaristas de 14 países. Todas as comunidades multiculturais estão cheias de alegrias e de desafios por causa da cultura, pois ela é uma riqueza quando não se transforma em “desculpa”.

Naresh: Ver os jogos de futebol do mundial juntos na sala de televisão e lavar os pratos juntos depois das refeições, foram para mim os momentos mais belos na vida comunitária. Não encontrei grandes dificuldades. Também eu sou um missionário e já vivi numa comunidade onde éramos originários de 15 países diferentes.

O que é que a SVD e o PIME têm em comum para contribuir à missão da Igreja?

Regan: Quer a SVD quer o PIME, somos missionários e saímos da própria casa para testemunhar e descobrir o rosto de Jesus que já está presente nas terras para nós desconhecidas. Saímos de casa com o poder do Espírito Santo para



Regan Gomes



Naresh Gosala

proclamarmos a Palavra de Deus aos não-crentes em Jesus Cristo, para que todos possam ser contagiados pelo verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Naresh: Temos em comum o espírito missionário. Trabalhar com alguém que não é do meu país ou da minha região significa aceitar e admirar o outro e a sua cultura.

Alguma mensagem para os verbitas e para os portugueses?

Regan: Não tenho tanta experiência para dizer-lhes muitas coisas, mas permitam-me uma: todos nós devemos partir de Cristo e regressar a Ele. Ele é o sentido da nossa vida e é Ele que nos alimenta e nos empurra para alcançarmos a Deus Pai.

Naresh: A nossa vocação realiza-se na Missão. Embora seja difícil, visto que a Missão é de Deus, no entanto é possível, porque temos o Senhor conosco. Portanto, não paremos de rezar.

Descreve numa palavra a tua presença em Portugal

Regan: Foi excelente como experiência e, se for possível, voltarei para cumprimentar os verbitas. Boa continuação a todos e que o Espírito de Deus esteja sempre conosco!

Naresh: É um dom!

Para o Naresh que, neste momento, está ainda na aprendizagem da língua portuguesa, em Lisboa, um bom estudo!

Para o Regan que já está na Guiné-Bissau, uma boa missão!

Nós, os missionários do Verbo Divino e os missionários do PIME, seremos sempre irmãos em missão!